



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O PCN DE GEOGRAFIA E O ENSINO DE CONTEÚDOS CONCEITUAIS, PROCEDIMENTAIS E ATITUDINAIS

Autora: Jane Claudia Cabral Bragelone; Orientador: Prof. Dr. Alessandro Dozena; Co-orientadora:
Profª. Drª. Eugênia Maria Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

janny_bragelone@hotmail.com; sandozena@ufrnet.br; eugêniadantas@yahoo.com.br

Resumo: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental sugerem que o ensino dessa disciplina contemple conteúdos de diferentes dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais, para que assim seja possível atingir os objetivos de ensino de Geografia. Porém, ainda é comum verificar-se na escola que a ênfase é dada apenas nos conteúdos conceituais. Diante disso, nosso objetivo é discutir a importância de ensinar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais para auxiliar os estudantes a desenvolverem a capacidade de entender o espaço geográfico em sua totalidade e nele atuar enquanto agentes transformadores da sua realidade. Para tal, nos baseamos na análise de bibliografia, bem como na análise documental do PCN, para fazer um paralelo entre as propostas do documento e a visão dos estudiosos sobre a temática.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, PCN, tipologia dos conteúdos.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o ensino de Geografia, bem como os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem que o objetivo da geografia escolar é formar cidadãos para pensar o espaço geográfico e nele atuar de modo a desenvolver a sua cidadania. Mas será que o que é ensinado na escola dá condições para o aluno ter uma leitura crítica da sua realidade e uma atuação protagonista na comunidade do seu entorno? O que devemos ensinar para atingir esse objetivo?

O ensino de Geografia no ambiente escolar, assim como de outras disciplinas, algumas vezes tem o caráter essencialmente conceitual, teórico, abstrato e é visto por muitos estudantes como algo desconexo da sua vida cotidiana, exclusivo do ambiente escolar, que deve ser aprendido por mera obrigação. De fato, alguns temas que são inerentes a Geografia são difíceis de abordar de modo que se torne aproximado do que os alunos vivenciam, e lhe sirva para pensar sua ação enquanto constituinte de uma sociedade. Por isso, esse é um grande desafio para os professores pensar como e o que ensinar.

Não é que não seja importante aprender conceitos, fazer abstrações, pelo contrário, é essencial, mas não é suficiente, para o que se deseja formar. Para que o indivíduo tenha meios de



usufruir de fato do conhecimento escolar na sua vida é preciso lhe dar condições, que vão além da discussão teórica, mas envolve também o desenvolvimento de ações práticas e atitudes na escola.

E quanto a isso, o próprio PCN propõe, que o ensino da disciplina deve contemplar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais com alternativa para atingir os objetivos de ensino da disciplina, que de modo geral, podem ser sintetizados na ideia de possibilitar ao aluno compreender os fenômenos espaciais de forma integrada e atuar como sujeito participante das transformações desse espaço. Desse modo, nosso objetivo com esse texto é discutir a importância de ensinar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais para o desenvolvimento de capacidades que auxiliem o estudante a compreender o espaço geográfico e nele atuar de forma ativa e crítica.

2 METODOLOGIA

A discussão posta nesse trabalho tem um caráter exploratório, e tem por finalidade oferecer informações sobre o ensino de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais no âmbito do ensino de Geografia, desse modo, está baseada essencialmente no levantamento bibliográfico. Serão consideradas como fontes de dados alguns autores que discutem ensino de Geografia, como Cavalcanti, 1998; Vesentini, 2009; Callai, 2009; Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2009; entre outros, além dos autores que contribuem para o pensamento sobre o ensino e aprendizagem dos diferentes tipos de conteúdo, como Zabala, 1998; e Perrenoud, 2013; além daqueles que discutem a base conceitual da Geografia, como Santos, 1996; Sposito, 2004 e Souza, 2013. Além disso, é feita a análise documental com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia para o Ensino Fundamental, que é a referência nacional para organização do ensino da disciplina. Nesse caso, faremos uma relação do que há de contribuições sobre o tema entre os autores e o que é proposto no documento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental em 1998, pelo Ministério de Educação (MEC), temos um documento base que vigora até os dias atuais e tem sido uma referência importante para orientar o ensino de Geografia.

O próprio documento se propõe a servir de apoio não só às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo das escolas, mas também, como fonte de reflexão sobre a prática pedagógica, o planejamento de suas aulas, e à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos,



por parte do professor, de modo, que possa contribuir para sua formação e atualização profissional. (BRASIL, 1998).

Uma das contribuições do PCN é em relação aos conteúdos que podem ser ensinados, o documento sugere o ensino não só de conceitos, mas também, de procedimentos e atitudes, como forma de promover uma formação mais completa e integral dentro das possibilidades da Geografia.

3.1 O PCN e a proposta de ensino de conceitos, procedimentos e atitudes

Não é fácil definir quais os conteúdos geográficos essenciais para tratar no ensino fundamental, principalmente porque temos um leque abrangente de possibilidades e um tempo bastante curto, além de uma pequena carga horária semanal por turma. Mas de uma coisa estamos certos, a seleção e organização dos conteúdos deve ser orientada pelos objetivos do ensino, se desejamos então formar estudantes protagonistas nos seus espaços de vivência e capazes de realizar uma leitura espacial dos fenômenos é preciso ir além do conteúdo conceitual, apenas.

Nesse sentido, o PCN de Geografia coloca que no ensino fundamental, espera-se que “os alunos construam um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos, procedimentos e atitudes relacionados à Geografia” que possibilitem o desenvolvimento de uma lista de capacidades, que envolvem a sua formação para a vida em sociedade. Nesse caso, é preciso aprender também ações, habilidades, valores, que os capacitem para as mais diversas dificuldades. (BRASIL, 1998. p. 34-5).

Em primeiro lugar, conforme defende Zabala (1998), é preciso determinar as finalidades ou objetivos da educação, para se definir o que ensinar. Para ele, a escola hoje deve se ocupar de outras capacidades além da cognitiva, se a escola busca promover a formação integral, é fundamental que a presença dos diferentes tipos de conteúdos esteja equilibrada. “Portanto, ao responder à pergunta “o que aprender?” deveremos falar de conteúdos de natureza muito variada: dados, habilidades, técnicas, atitudes, conceitos, etc.”. (ZABALA, 1998.p.30).

Existem diferentes maneiras de classificar esses conteúdos, Zabala (1998.p.30) utiliza a classificação de Coll (1986) que “agrupa os conteúdos segundo sejam conceituais, procedimentais ou atitudinais. Essa classificação corresponde respectivamente às perguntas “o que se deve saber?”, “o que se deve saber fazer” e “como se deve ser?”, com o fim de alcançar as capacidades propostas nas finalidades educacionais”. Segundo a tipologia desse autor, os conteúdos conceituais estão atrelados a fatos, conceitos e princípios; os procedimentais estão ligados a técnicas e métodos e; os atitudinais a valores, atitudes e normas.



O PCN a partir da análise de outras propostas curriculares, observa que o ensino de Geografia revela algumas indefinições e problemas na escolha dos seus conteúdos. Entre esses problemas, o documento relata que

há uma preocupação maior com conteúdos conceituais do que com os procedimentais e atitudinais. O objetivo do ensino fica restrito, assim, à aprendizagem de fenômenos e conceitos, desconsiderando a aprendizagem de procedimentos e atitudes fundamentais para a compreensão dos métodos e explicações com os quais a própria Geografia trabalha. [...] o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreender de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo que possam não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico. (BRASIL, 1998. p. 25)

É importante chamar atenção para utilização do termo “conteúdo”, que muitas vezes é visto de modo restrito, ligado quase sempre aos conhecimentos das disciplinas, aos conceitos, princípios, etc. Mas a visão que é proposta no documento e discutida pelos autores da temática, não é essa, o termo é entendido como “tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como também incluem as demais capacidades”. (ZABALA, 1998.p.30) E é sobre essas capacidades que o ensino de Geografia também deve estar atento, é claro que as capacidades cognitivas não devem ser deixadas de lado, afinal, só será possível desenvolver técnicas ou atitudes a partir delas.

Embora exista uma tipologia, o autor alerta que a compartimentação desses conteúdos é uma construção intelectual para compreender o pensamento, mas a aprendizagem se dá de maneira integrada. Assim, as atividades de ensino devem integrar o máximo de conteúdos, considerando que

Não há nenhuma ação humana em que apareçam de forma separada esses elementos [conhecimento, habilidade e atitude], pois é impossível responder a qualquer problema da vida sem utilizar estratégias e habilidades sobre componentes factuais e conceituais, dirigidos, inevitavelmente, por pautas ou princípios de ação de caráter atitudinal. (ZABALA e ARNAU, 2010.p.50).

Vesentini (2009. p. 92) também concorda que o ensino de Geografia deve ir além do conteúdo cognitivo, é preciso partir da vida cotidiana do aluno e junto com outras disciplinas, despertar “para a sociabilidade entre os educandos, para a ausência de preconceitos, para a



aprendizagem do diálogo e da troca de experiências”. Além disso, é preciso ensinar procedimentos como interpretar textos, fotos, mapas, paisagens, enfocando os problemas socioespaciais e as inter-relações entre os fenômenos.

3.1.1 O ensino de conceitos

A Geografia seja como ciência, seja como matéria de ensino, desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que a identifica, e ao mesmo tempo que dá condições para a análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico. (CAVALCANTI, 2010). Esse corpo conceitual também é matéria de ensino na escola, e sobre isso o PCN esclarece

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Assim, espaço deve ser o objeto central de estudo, e as categorias território, região, paisagem e lugar devem ser abordadas como seu desdobramento. (BRASIL, 1998. p. 27)

Nessa perspectiva, quando se trata da importância do conceito de espaço no ensino de Geografia, Cavalcanti (2010, p.24) defende que o ensino da disciplina deve “visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isso porque se tem convicção de que a prática da cidadania, sobretudo nesta virada de século, requer uma consciência espacial”. A autora destaca ainda a necessidade de associar os temas do cotidiano do aluno aos conceitos científicos da Geografia

Para cumprir os objetivos do ensino de Geografia, sintetizados na ideia de raciocínio geográfico, é preciso que se selecionem e se organizem os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes. A leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade socioespacial. (CAVALCANTI, 1998, p. 25)

Compreender as dinâmicas do espaço geográfico é um dos principais objetivos do ensino de Geografia. Porém, para melhor compreendê-lo é importante ter dimensão das outras categorias da Geografia, especialmente para tratar dos fenômenos em diferentes escalas. Quanto a isso, Callai (2009) esclarece

Ao estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois o espaço é imenso, planetário, mundial. O que ele/nele estudar? Para dar conta da delimitação deve-se fazer a referência à escala social de análise, que, em seus vários níveis, encaminha a recortes que elegem determinada extensão territorial.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Estes níveis são o “local, o regional, o nacional, o global”. As regras podem ser gerais, os interesses universais, mas concretamente se materializam em algum lugar específico. (CALLAI, 2009.P83-84).

Em outra obra a autora defende que o conceito de lugar pode ser um ponto de partida para se compreender o espaço, e assim afirma que

O conceito de lugar é importante no estudo de geografia e para estudar o lugar é fundamental refletir sobre qual o significado do espaço na vida das pessoas e das sociedades em geral, aceitando que o espaço é construído e é resultado de toda a vida que ali existe, seja vida decorrente apenas da natureza, seja decorrente das formas de organização e distribuição dos homens e das relações destes com a natureza. (CALLAI, 2013. P. 93)

Embora esteja claro no campo científico os conceitos fundamentais da Geografia, assim como está evidente no PCN a importância desses conceitos como base para o estudo da Geografia escolar, Kaercher (2012) critica que os conceitos bases da Geografia não são bem tratados na escola

Geralmente nas aulas de Geografia do EFM o espaço e suas categorias (território, paisagem, lugar, região, rural, urbano, etc.) estão muito pouco presentes e, quando estão presentes, são mais citadas do que discutidas; mais apresentadas como algo estático do que problematizadas. (KAERCHER, 2012.p.65).

Talvez por não haver muita clareza em como integrar esses conceitos a temática discutida, ou a realidade vivenciada, porque, conforme afirma Pontuska, Paganeli e Cacete (2009.p.73) “sabe-se hoje que avaliar a construção de um conceito é muito mais complexo do que quantificar a memorização de certos conteúdos fragmentários e descontextualizados”. Mesmo se tratando de um conteúdo conceitual, é preciso fazer uma reflexão, um esforço para compreender os elementos que se relacionam para explicá-lo, e essa não é uma tarefa simples, especialmente quando se trata do conceito de espaço geográfico.

O conceito de espaço geográfico, no campo acadêmico apresenta diversas definições, um dos autores de maior destaque na discussão desse conceito é Milton Santos. O espaço em Santos (1996), só pode ser compreendido através da técnica, a técnica é o instrumento que produz o espaço. O espaço é tido enquanto sistema de objetos e ações, que não podem ser considerados isoladamente. O autor enfatiza ainda que

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (Ibidem, p. 63)



O espaço é destacado na visão do autor, enquanto materialidade, mas somente através das ações que decorrem dessa materialidade é que se produz o espaço, daí a importância de não se dissociar os objetos e as ações.

Numa outra perspectiva, para Souza (2013, p. 31) o espaço geográfico é “um espaço verdadeira e densamente social, e as dinâmicas a serem ressaltadas são as dinâmicas das relações sociais (ainda que sem perder de vista as dinâmicas naturais e seus condicionamentos relativos)”. Para o autor espaço não é só materialidade, “as relações sociais são, em determinadas circunstâncias ou a partir de uma determinada perspectiva, espaço – mesmo que, a rigor, uma certa distinção entre espaço e relações sociais continue sendo útil e válida”. (Ibidem, p. 36)

Segundo Mendonza (1982, p. 150) citado por Sposito (2004, p. 93) “espaço é a projeção da sociedade, somente poderá ser explicado... decompondo em primeiro lugar a estrutura e o funcionamento da sociedade ou formação social que o produziu”. O espaço é então resultado de uma produção histórico-social.

Outra perspectiva de espaço geográfico é colocada por Gomes (2014, p. 319) quando trata desse conceito na geografia humanística, segundo ele, o conceito adquire o sentido de espaço vivido, “compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente”.

Diante dessa diversidade de concepções, a intenção é que essas divergências sejam levadas para a escola, para que os alunos percebam a pluralidade possível no entendimento do espaço geográfico, assim como de outros conceitos. É importante destacar os diversos elementos, sociais e naturais, que fazem dele uma instância dinâmica, socialmente construída, compreender suas contradições, as causas e consequências dos fenômenos que o modificam, as relações políticas, econômicas, culturais, tecidas nessa concepção de espaço geográfico.

3.1.2 O ensino de procedimentos

Para Callai (2009), a aprendizagem de geografia exige algumas habilidades, por exemplo, para fazer uma boa leitura de mapas é preciso desenvolver a capacidade de representação do espaço, que por sua vez, significa trabalhar com escalas, ler legendas e entender o seu significado. Aí a ideia de aprendizado de procedimentos, para desenvolver essas habilidades a autora defende que “o aluno precisa ter desenvolvido a lateralidade, a orientação, o sentido de referência em relação a si próprio e em relação a outros, o significado de tamanho e de distâncias”. Elementos que devem ser



aprendidas nas séries iniciais, que integra conteúdos conceituais e procedimentais. Quanto a aprendizagem desses conteúdos é importante que sejam associados a situações reais, práticas.

O conteúdo procedimental é aprendido quando os alunos lhes atribuem sentido e significado, e isso é possível somente quando as atividades são conduzidas sobre conteúdos reais, o que significa, inevitavelmente, sua utilização sobre os objetos de conhecimento. Sem conteúdos conceituais sobre os quais aplicar procedimentos é impossível que eles sejam aprendidos de modo significativo, entendendo por isso a capacidade de serem utilizados em qualquer situação. (ZABALA e ARNAU, 2010.p.48)

Por isso, aprendizagem de conteúdos procedimentais exige do professor, mais do que aulas expositivas, é preciso incentivar que o próprio aluno a agir, e desempenhar tarefas que o façam se apropriar do conceito e desenvolver habilidade de utilizá-lo em determinada ação. Daí a ideia do “saber fazer” ou “aprender fazendo”, de que fala Zabala e Arnau (2010), a realização das ações é uma condição para aprendizagem de procedimentos, juntamente com a exercitação, é preciso realizar a ação quantas vezes seja necessária para dominá-la.

Porém, não basta repetir sem refletir, entre as etapas para aprendizagem de conteúdos procedimentais, Zabala (1998) mostra que é imprescindível refletir sobre a ação para identificar as dificuldades e para melhorar o desempenho, para tanto, é necessário também o domínio do conteúdo conceitual associado a realização de determinada ação. Além disso, é preciso aplicar a ação em diferentes situações, para garantir sua aprendizagem, e utilização de fato, uma ação aprendida pode ser bem desempenhada em determinada condição, o que não garante que será em outra, daí a necessidade de ser exercitada em diferentes contextos. Quando se trata de conteúdos procedimentais no ensino de Geografia, o PCN recomenda

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz. (BRASIL, 1998. p. 30)

É preciso estar atento, para que a prática na sala de aula permita ao aluno o desenvolvimento dessas habilidades, que são fundamentais para a aprendizagem de Geografia, para leitura do espaço, e a para busca de uma educação que visa a formação cidadã.



3.1.3 O ensino de atitudes

Os conteúdos atitudinais, talvez sejam os mais difíceis de ensinar e de observar se foram aprendidos, por se tratar de conteúdos amplos, que vão além dos limites da disciplina escolar e do próprio ambiente escolar. Segundo Zabala (1998) esses conteúdos podem ser divididos em grupos distintos, que são basicamente: valores, atitudes e normas. Embora sejam conteúdos diferentes, eles estão diretamente ligados um ao outro.

Segundo o autor valores são “princípios ou as ideias éticas que permitem às pessoas emitir juízo sobre as condutas e seu sentido” (ibidem, p.46), desse modo, é possível avaliar o aprendizado de valores, considerando que “se adquiriu um valor quando este foi interiorizado e foram elaborados critérios para tomar posição frente àquilo que deve se considerar positivo ou negativo, critérios morais que regem a atuação e avaliação de si mesmo e dos outros”, portanto ficam no campo da cognição. (ZABALA, 1998.p.47).

Já as atitudes, está mais atrelada ao modo de agir diante de determinada situação, para Zabala (1998.p.46) “as atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira” de acordo com os valores que tem. Sendo assim, “aprendeu-se uma atitude quando a pessoa pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem dirige essa atitude” (Ibidem.p.47).

Enquanto as normas, são mais objetivas e fáceis de se observar na prática escolar, as normas, ainda segundo Zabala (1998.p.46) “são padrões ou regras de comportamento que devemos seguir em determinadas situações que obrigam a todos os membros de um grupo social”. E que nesse caso, a aceitação dela indica sua aprendizagem.

É importante destacar que “todos esses conteúdos estão estreitamente relacionados e têm em comum que cada um deles está configurado por componentes cognitivos (conhecimentos e crenças), afetivos (sentimentos e preferências) e condutuais (ações e declarações de intenção)” (Ibidem, p.47), portanto, para o professor, é um grande desafio considerar na sua prática o ensino de conteúdos atitudinais. De modo geral, o autor afirma

a aprendizagem dos conteúdos atitudinais supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação. (ZABALA, 1998.p.48)



Vesentini (2009), Perrenoud (2013) e Zabala (2010), entre outros autores, ao discutirem o papel da escola atualmente, tratam que a demanda da sociedade atual, exige da educação formal, que seja dada condições para o desenvolvimento pleno do aprendiz, uma preparação para a vida, considerando o ser humano na sua plenitude. A escola não deve ser apenas conteudista para atender aos exames ou para fornecer meios aos alunos de prosseguir os estudos, mas sim para formá-los capazes de compreender o mundo em que vivem, resolver os problemas do seu cotidiano, e atuar como cidadãos diante dos dilemas da sociedade atual.

Vesentini (2009.p.30), coloca que é papel da escola, dentre outras coisas, proporcionar condições para o aluno “aprimorar as suas inteligências múltiplas, as suas habilidades, competências e atitudes democráticas – de respeito aos outros, de ausência de preconceitos, de aprender a conviver, de aprender a trabalhar em equipe e a liderar de forma positiva etc.” Esse é apenas um dos aspectos que é a parte da função da educação, nesse caso, o que mais está relacionado a conteúdos atitudinais.

Embora essa missão não seja de exclusividade de uma única disciplina, cabe a Geografia contribuir para essa formação por meio do seu corpo conceitual, dentro dos limites do seu objeto de estudo, que, em se tratando do Espaço Geográfico, abre leque para que diversos conteúdos atitudinais possam ser partilhados.

4 CONCLUSÕES

Observamos que tanto a discussão científica sobre o ensino de Geografia quanto os documentos que orientam o ensino da disciplina, defendem uma Geografia escolar que forneça meios para o aluno ter uma leitura ampla do mundo em que está inserido, entendendo os processos espaciais em sua dinâmica e sabendo como agir diante dos obstáculos do dia a dia, muito se fala numa formação que deve ser integral, interligada a vida cotidiana.

Porém, escola muitas vezes mantém o foco do ensino nos conteúdos conceituais, nas abstrações, que nem sempre são vistas pelos alunos como algo que faça sentido no seu contexto de vida, o que acaba gerando boa parte do desinteresse dos estudantes pela escola, aprender deixa de ser prazeroso e passa a ser visto como uma obrigação.

A proposta do PCN de Geografia para tentar minimizar esse problema é pensar o ensino de conteúdos diversos, que vão além dos conteúdos conceituais, é preciso ensinar também procedimentos e atitudes na escola. Pensar esses três tipos de conteúdos trabalhados de maneira integrada na escola pode gerar grandes contribuições, especialmente para o desenvolvimento de



estudantes mais competentes para os desafios da vida em sociedade e para a compreensão do espaço em vivemos. É preciso ensinar de modo a desenvolver também a capacidade de saber agir, saber usar o conhecimento escolar em situações da vida cotidiana, e esse conhecimento não deve ser descolado da vivência. Portanto, é importante ensinar não só conceitos, mas também procedimentos e atitudes para atingir os ideais do ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CALLAI, Helena. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2013.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In.: CASTROGIOVANNI, Antonio. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ed. Porto Alegre. Editora Mediação, 2009.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2010.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

KAERCHER, Nestor. A Geografia como Midas é um obstáculo e um dos desafios da nossa docência. In.: CASTELLAR, Sonia. MUNHOZ, Gislaine. **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo. Xamã, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Desenvolver competências ou ensinar saberes?** A escola que prepara para a vida. Porto Alegre. Penso, 2013.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Pléiade, 2009.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre. Artmed, 1998.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ZABALA, Antoni. ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências.** Porto Alegre. Artmed, 2010.